MÃE SUFICIENTEMENTE BOA: CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT PARA A COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Ana Carolina Guimarães Agostinho, Elinea de Carvalho Silva Rettori, Helena Domingues Fernandes Poll, Patrícia Lot do Nascimento, Roberta Albuquerque Bellucio, Lauro Take Tomo Veloso

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, anacaroll352@gmail.com, erettori@hotmail.com, pollhelena9@gmail.com, patricialot77@gmail.com, robyalbuquerque@yahoo.com.br, lauro.taketomo@gmail.com.

Resumo
O conceito de “mãe suficientemente boa”, desenvolvido pelo psicanalista pós-freudiano Donald Woods Winnicott, constitui uma importante contribuição para a compreensão do desenvolvimento emocional infantil. O conceito se distancia da ideia de perfeição materna ao enfatizar a capacidade de adaptação às necessidades do bebê e a ocorrência de falhas graduais ao longo do amadurecimento. Este artigo, elaborado no contexto da disciplina Teorias em Psicanálise, aborda o conceito winnicottiano a partir da função materna, do *holding*, do *handling*, da apresentação de objetos e da constituição do *self.* A análise evidencia que, nos estágios iniciais, a adaptação sensível do ambiente favorece a continuidade do ser e a integração psíquica. Posteriormente, falhas graduais e toleráveis introduzem a frustração e possibilitam a diferenciação entre o bebê e a realidade externa. Em contrapartida, falhas ambientais significativas podem comprometer o amadurecimento emocional e favorecer organizações defensivas. Conclui-se que o caráter suficientemente bom não corresponde à perfeição, mas à capacidade de oferecer um ambiente facilitador e permitir, progressivamente, a autonomia da criança.
Palavras-chave: Ambiente facilitador. Mãe suficientemente boa. Teoria do amadurecimento. Winnicott.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Psicologia

Introdução

O conceito de mãe suficientemente boa, formulado por Donald Woods Winnicott, autor pós-freudiano, insere-se em uma perspectiva que introduziu mudanças significativas no paradigma psicanalítico. Conforme Loparic (2001), a noção de paradigma, em seu sentido técnico, conforme formulada por Thomas S. Kuhn, refere-se a um modelo mental, metodológico e prático que orienta determinada forma de produção do conhecimento científico. Nessa perspectiva, a contribuição de Winnicott pode ser compreendida como uma mudança paradigmática no campo psicanalítico, uma vez que desloca o eixo da compreensão das psicopatologias, anteriormente centrado predominantemente na teoria das pulsões e dos conflitos intrapsíquicos, para a importância das necessidades de segurança do indivíduo e das condições ambientais que sustentam seu amadurecimento emocional. Segundo Loparic (2006), esse deslocamento atribui papel fundamental à confiabilidade do ambiente e às consequências das falhas ambientais para o desenvolvimento emocional. Nesse contexto, Winnicott se distancia de ideais de perfeição materna e propõe pensar a função materna a partir da capacidade de adaptação às necessidades do bebê, incluindo, de maneira estruturante, a possibilidade da falha. Nessa perspectiva, o bebê não pode ser compreendido isoladamente, mas em relação ao ambiente que o sustenta (Winnicott, 2005). A mudança paradigmática operada por Winnicott redesenha o estatuto da agressividade no desenvolvimento infantil, postulando-a originalmente como sinônimo de motilidade e força vital, e não como expressão da pulsão de morte. O amadurecimento saudável ocorre quando o ambiente sobrevive à destrutividade do bebê, permitindo que a criança perceba a alteridade do objeto e transite para o uso da realidade externa compartilhada.

Nos estágios iniciais da vida, o bebê encontra-se em uma condição de dependência absoluta e ainda não diferencia claramente a si mesmo do ambiente. Nesse período, a presença de um ambiente facilitador é fundamental para a continuidade do ser e para a integração psíquica. O cuidado suficientemente bom envolve o *holding*, o *handling*, os fenômenos transicionais e a apresentação de

objetos, que contribuem para a constituição progressiva do *self* e para o estabelecimento de uma relação segura com o mundo.

À medida que o amadurecimento ocorre, a adaptação inicialmente intensa dá lugar a falhas graduais e toleráveis. Essas falhas introduzem a experiência da frustração e favorecem a percepção de uma realidade externa independente. Para Winnicott (2005), o desenvolvimento saudável não depende da ausência de falhas, mas da possibilidade de que elas ocorram de maneira compatível com a capacidade maturacional da criança. Em contrapartida, falhas ambientais importantes podem comprometer a integração do Eu e favorecer organizações defensivas que Winnicott define como uma estrutura psíquica criada para proteger o verdadeiro *self* diante de falhas ambientais e de angústias que ameaçam a continuidade do ser (Winnicott, 2000).

Nesse sentido, este artigo discute o conceito de mãe suficientemente boa na perspectiva de Winnicott, considerando sua importância para o desenvolvimento emocional infantil e para a constituição do *self*[1].

Metodologia

Foi realizada uma revisão bibliográfica, tendo como objeto o conceito de mãe suficientemente boa, formulado por Donald Woods Winnicott, autor pós-freudiano. A elaboração do texto parte da leitura e discussão de obras de Winnicott e de autores utilizados como apoio à compreensão de sua teoria do amadurecimento emocional.

O artigo organiza e articula os principais elementos relacionados ao conceito, especialmente a função materna, a dependência absoluta, a preocupação materna primária, o ambiente facilitador, o *holding*, o *handling,* a apresentação de objetos, a constituição do *self* e os efeitos das falhas ambientais. A fundamentação e o desenvolvimento de determinados conceitos dar-se-ão na seção 'Resultados'.

Resultados

Para Winnicott, o desenvolvimento emocional depende inicialmente de um ambiente capaz de responder de maneira suficientemente sensível às necessidades do bebê. Segundo Winnicott, na fase de dependência absoluta, considerada, em sua teoria, a mais primitiva do desenvolvimento emocional, o bebê é totalmente incapaz de cuidar de si mesmo. Por ainda não diferenciar o Eu do não-Eu, tudo o que acontece nessa fase é vivenciado por ele como parte de sua própria existência, de modo que experimenta apenas os efeitos dos cuidados recebidos, sem ter consciência de um ambiente que garante a sua continuidade. A preocupação materna primária corresponde a um estado de intensa identificação da mãe com o bebê, permitindo-lhe perceber e responder às suas necessidades de forma quase imediata, adaptando-se de maneira completa e devota ao bebê e garantindo-lhe a continuidade do ser (Winnicott, 1982).

O ambiente facilitador exerce, assim, função ativa no amadurecimento. *Holding* refere-se à sustentação, e corresponde ao conjunto de cuidados físicos e emocionais oferecidos ao bebê, proporcionando amparo, estabilidade e continuidade. Inclui segurá-lo, protegê-lo de excessos e responder às suas necessidades no momento adequado. Essa sustentação permite que o bebê se sinta seguro para integrar-se emocionalmente e desenvolver um sentimento de continuidade do próprio existir. *Handling,* por sua vez, envolve o manejo corporal cotidiano e refere-se à maneira concreta e cuidadosa como o corpo do bebê é tratado, incluindo ações como segurar, alimentar, trocar e embalar a criança. Esse cuidado corporal favorece a integração entre a mente e o corpo, ajudando o bebê a perceber o corpo como parte de si mesmo, processo chamado de personalização (Abram, 2000).

Para Winnicott, o *holding* vai além de segurar fisicamente o bebê e abrange a proteção, a continuidade dos cuidados e a adaptação às suas necessidades durante a dependência absoluta. Essa

1 *Self* refere-se à sensação de identidade que o indivíduo desenvolve ao longo da vida. Ele distingue dois tipos principais: o *self* verdadeiro e o *self* falso. O *self* verdadeiro emerge quando o bebê é acolhido em um ambiente suficientemente bom, onde suas necessidades são atendidas com sensibilidade, permitindo a expressão espontânea de sentimentos e desejos. O *self* falso, por sua vez, aparece quando o bebê precisa se adaptar excessivamente às demandas externas, reprimindo sua espontaneidade para garantir aceitação. Para Winnicott, o desenvolvimento do *self* está diretamente ligado à qualidade do vínculo com o cuidador e à experiência de segurança emocional nos primeiros anos de vida (Klautau; Salem, 2009)

sustentação ambiental favorece a continuidade do ser e a integração de experiências ainda dispersas (Winnicott, 1983). O *handling* diz respeito ao cuidado corporal cotidiano, como o toque, o banho e a alimentação, e favorece a personalização: a experiência gradual de sentir o *self* localizado no próprio corpo, em uma relação entre psiquê e soma (Winnicott, 2000). Assim, *holding, handling* e apresentação de objetos favorecem, respectivamente, a integração, a personalização e o estabelecimento das relações com a realidade externa, constituindo dimensões articuladas do ambiente facilitador (Winnicott, 1983).

Mais do que cuidados físicos, essas experiências participam da integração entre corpo e vida psíquica. A apresentação de objetos permite, por sua vez, que o bebê estabeleça gradualmente uma relação com o mundo externo (Klautau; Salem, 2009).

A função materna não deve ser compreendida exclusivamente como atributo da mãe biológica. O que a caracteriza é a capacidade de oferecer os cuidados necessários ao amadurecimento. Diferentes cuidadores podem exercê-la quando apresentam disponibilidade e sensibilidade diante das necessidades do bebê. O aspecto fundamental, portanto, é a qualidade da função desempenhada.

A mãe suficientemente boa não é uma mãe perfeita. Nos primeiros momentos, a adaptação às necessidades do bebê precisa ser intensa; posteriormente, à medida que sua capacidade maturacional aumenta, essa adaptação pode diminuir. A mãe suficientemente boa falha de modo gradual, permitindo que a criança vivencie pequenas frustrações e perceba progressivamente que ela e o ambiente são distintos (Winnicott, 2005).

A passagem da adaptação quase total para falhas toleráveis favorece a diferenciação entre o Eu e o não-Eu, o reconhecimento da realidade externa e a construção da autonomia. Na perspectiva winnicottiana, o Eu constitui-se progressivamente a partir da integração das experiências do bebê, possibilitando a conquista do sentimento de unidade e do “Eu sou”. Inicialmente, o bebê encontra-se em um estado de não integração e ainda não estabelece uma diferenciação clara entre si e o ambiente. Com o amadurecimento emocional, favorecido por um ambiente suficientemente bom, ocorre gradualmente a distinção entre Eu e não-Eu, possibilitando o reconhecimento da realidade externa como separada do indivíduo e o avanço progressivo em direção à autonomia (Winnicott, 1983). A criança passa gradualmente da dependência absoluta para a dependência relativa e, posteriormente, para uma maior independência. Nesse processo, o espaço potencial possibilita experiências de criatividade, brincadeira e exploração do mundo com segurança.

A qualidade dessas experiências relaciona-se diretamente à constituição do self e ao processo de amadurecimento. Em um ambiente suficientemente bom, a presença inicial da mãe atende às necessidades do bebê e oferece uma experiência de continuidade e segurança, favorecendo o desenvolvimento da espontaneidade, da integração e do sentimento de existência. À medida que a criança desenvolve recursos próprios, essa presença pode tornar-se progressivamente menos necessária, permitindo que a experiência de cuidado funcione como base para uma separação e uma autonomia graduais. Nesse sentido, o amadurecimento não consiste na manutenção de uma dependência de um cuidado perfeito, mas na possibilidade de utilizar o cuidado ambiental como suporte para o desenvolvimento da capacidade de existir e relacionar-se com o mundo de maneira cada vez mais autônoma. Quando, ao contrário, as demandas ambientais exigem uma adaptação excessiva, a expressão espontânea pode ser sacrificada em favor da permanência da relação com o ambiente, favorecendo a organização de um falso self, caracterizado pela predominância da adaptação em detrimento da expressão pessoal (Klautau; Salem, 2009).

A análise evidencia ainda que a qualidade da função materna se relaciona ao ritmo do amadurecimento infantil. Quando a adaptação ambiental diminui gradualmente, a frustração deixa de representar apenas uma interrupção da satisfação e passa a contribuir para a construção da capacidade de esperar, reconhecer limites e lidar com uma realidade que não responde imediatamente aos desejos. Dessa forma, a falha materna, quando compatível com o estágio de desenvolvimento, participa do amadurecimento em vez de constituir necessariamente uma experiência traumática.

Essa passagem pode ser compreendida em situações cotidianas da relação entre o bebê e seu cuidador. Na dependência absoluta, a adaptação suficientemente boa ocorre quando o cuidador reconhece sinais de fome, desconforto ou cansaço e responde de maneira sensível, favorecendo a continuidade do ser. Com o amadurecimento, essa resposta torna-se gradualmente menos imediata: o bebê pode, por exemplo, esperar o tempo necessário para que o alimento seja preparado. Quando compatível com sua capacidade maturacional, essa espera permite lidar com a frustração, antecipar a satisfação e reconhecer progressivamente a existência independente do objeto (Winnicott, 1975).

A autonomia pode ser observada quando a criança começa a brincar e explorar o ambiente sem a participação direta do cuidador, tolerando gradualmente breves períodos de afastamento. Essa conquista não representa o rompimento da dependência, mas resulta da internalização de experiências anteriores de cuidado e segurança. Assim, a autonomia winnicottiana corresponde ao movimento gradual da dependência absoluta para a dependência relativa e, posteriormente, em direção à independência (Winnicott, 1983).

Outro aspecto relevante é que as funções de *holding*, *handling* e apresentação de objetos não atuam de maneira isolada. A sustentação física e emocional, o cuidado com o corpo e a introdução progressiva da realidade constituem diferentes dimensões de uma mesma função ambiental. O manejo cotidiano do bebê comunica segurança e previsibilidade, enquanto a apresentação dos objetos participa da passagem de uma experiência inicialmente marcada pela dependência para uma relação progressivamente mais diferenciada com o mundo externo (Winnicott, 2005).

Os resultados também permitem compreender que a adaptação inicial do ambiente não significa uma satisfação ilimitada e permanente das necessidades do bebê. A dependência absoluta exige uma resposta muito próxima às necessidades físicas e emocionais porque, nesse momento, a criança ainda não possui recursos para reconhecer claramente a separação entre aquilo que provém dela e aquilo que provém do ambiente. A continuidade dessa experiência de sustentação favorece a integração das experiências e a construção gradual de um sentimento de existência.

Discussão

A contribuição de Winnicott está na compreensão do desenvolvimento infantil a partir da relação entre bebê e ambiente. O amadurecimento não ocorre de forma isolada, pois depende das condições ambientais oferecidas desde os primeiros momentos da vida. Ele afirma não existir o que chamamos de um bebê, sintetizando assim, a total inseparabilidade entre a criança e o ambiente de sustentação inicial (Winnicott, 2005).

A noção de “suficientemente boa” também questiona a expectativa de uma maternidade idealizada. O conceito não designa uma mãe que jamais falha, mas uma cuidadora capaz de adaptar-se às necessidades do bebê e, posteriormente, permitir que ele experimente frustrações compatíveis com seu amadurecimento. Quando gradual e tolerável, a falha possui caráter estruturante, pois favorece a diferenciação e a capacidade de lidar com a realidade (Dias, 2017). Outrossim, tais falhas promovem a diferenciação entre o Eu e o não-Eu, viabilizam as relações objetais e consolidam as representações e identificações fundamentais para a constituição do *self.* A relação com o objeto não se restringe a uma dinâmica intrapsíquica de projeções coloridas pela fantasia inconsciente; ela depende, fundamentalmente, do estatuto de realidade que esse objeto adquire para a criança. Sob a perspectiva winnicottiana, o amadurecimento saudável pressupõe um deslocamento estruturante na forma como o indivíduo experiencia o mundo: a passagem da mera relação com o objeto (*object relating*) para a capacidade de uso do objeto (*object usage)* (Winnicott, 2005).

Essa compreensão permite distinguir a mãe da função materna. O cuidado suficientemente bom não depende necessariamente de uma figura feminina ou da maternidade biológica. O elemento fundamental é a existência de alguém capaz de oferecer sustentação, continuidade e respostas sensíveis às necessidades da criança.

Em contraste, quando o ambiente falha de maneira intensa ou imprevisível, o bebê pode vivenciar experiências que ultrapassam sua capacidade de elaboração. Winnicott descreve angústias relacionadas à desintegração, ao despedaçamento, à ausência de ligação com o próprio corpo e à desorientação. A continuidade dessas falhas pode comprometer a integração do Eu e favorecer organizações defensivas, entre elas o falso *self* (Nasio *et al*., 1995).

A diferença entre uma falha suficientemente boa e uma falha ambiental grave está na possibilidade de o bebê continuar seu processo de amadurecimento. Enquanto a primeira introduz gradualmente a frustração e favorece a autonomia, a segunda pode ameaçar as condições de integração psíquica. A teoria winnicottiana evidencia, assim, a necessidade de equilíbrio entre proteção e crescente possibilidade de separação.

Deste modo, a principal contribuição do conceito está em articular dependência e separação. O bebê precisa primeiro de um ambiente que sustente sua experiência de continuidade; posteriormente, necessita que esse mesmo ambiente introduza pequenas diferenças, limites e frustrações. É nesse

processo que surgem os fenômenos transicionais[2], compreendidos por Winnicott como experiências que ocupam uma área intermediária entre o mundo interno e a realidade externa. Tais fenômenos não pertencem inteiramente à fantasia do bebê, tampouco são percebidos como uma realidade totalmente separada e objetiva. Situados nessa área intermediária da experiência, eles auxiliam o bebê na transição da dependência absoluta para uma relação de maior autonomia com o real.

A função materna suficientemente boa contém, portanto, um movimento paradoxal: oferecer presença para tornar possível a futura ausência, proteger para tornar possível a exploração e adaptar-se inicialmente para que, depois, a criança possa suportar a realidade com maior autonomia.

A distinção entre mãe e função materna amplia a compreensão do conceito para além da maternidade biológica. Na abordagem winnicottiana, essa função pode ser exercida por diferentes cuidadores, desde que exista disponibilidade para responder às necessidades do bebê. Isso desloca a discussão da identidade de quem cuida para a qualidade do cuidado oferecido. O aspecto central passa a ser a existência de uma relação suficientemente estável e sensível para sustentar o processo de amadurecimento.

Nesse ponto, a discussão sobre o falso *self* ganha importância. Se o ambiente não acolhe suficientemente a espontaneidade do bebê, a adaptação pode tornar-se uma estratégia de proteção. A criança passa a responder às exigências externas e a renunciar, em diferentes graus, à expressão de suas necessidades. O problema não está na capacidade de adaptação em si, que é necessária à vida em sociedade, mas em uma adaptação que se torna predominante e encobre o sentimento de autenticidade e de existência pessoal (Klautau; Salem, 2009).

Por outro lado, as falhas ambientais graves assumem significado distinto. Quando o ambiente é imprevisível, intrusivo ou insuficientemente disponível, o bebê pode não vivenciar a experiência como uma simples frustração de um desejo, mas como uma ameaça às condições básicas de continuidade do ser. As angústias impensáveis descritas por Winnicott — relacionadas à desintegração, ao despedaçamento, à perda da ligação com o corpo e à desorientação — mostram que determinadas falhas ocorrem em um nível anterior à capacidade de elaboração psíquica da criança (Nasio *et al*., 1995).

A diferença entre adaptação e perfeição é especialmente importante. Uma mãe idealizada, que jamais falha, não corresponde ao conceito winnicottiano, pois a ausência completa de frustração também impediria experiências necessárias à diferenciação. A adaptação precisa diminuir conforme a criança desenvolve capacidade de suportar a realidade. O que caracteriza o cuidado suficientemente bom é justamente a possibilidade de acompanhar essa mudança sem antecipá-la de maneira brusca nem prolongar indefinidamente uma adaptação que já deixou de ser necessária (Dias, 2017).

Essa perspectiva também permite compreender por que Winnicott atribui ao ambiente uma função tão decisiva sem reduzir a criança àquilo que recebe do cuidador. O bebê possui um processo próprio de amadurecimento, mas necessita de condições ambientais que não interrompam esse processo. O ambiente suficientemente bom não produz mecanicamente a personalidade; ele oferece condições para que as potencialidades do indivíduo possam se desenvolver, sendo, portanto, a base fundadora de todo o desenvolvimento futuro. Nesse sentido, a relação inicial com o cuidador constitui uma base para experiências posteriores de integração, confiança e autonomia.

Conclusão

A análise do conceito de mãe suficientemente boa evidencia sua importância para a compreensão winnicottiana do desenvolvimento emocional. O conceito rompe com a expectativa de uma maternidade perfeita e enfatiza a necessidade de um ambiente capaz de oferecer, nos estágios iniciais, adaptação, sustentação e segurança, para posteriormente introduzir falhas graduais e toleráveis.

O *holding*, o *handling* e a apresentação de objetos constituem funções desse ambiente facilitador, contribuindo para a integração corporal e psíquica, para a diferenciação entre o Eu e a realidade externa e para a constituição do *self*. A função materna, por sua vez, não se restringe à mãe biológica, podendo ser desempenhada por diferentes cuidadores que ofereçam condições suficientemente boas ao amadurecimento.

2 Os fenômenos transicionais constituem uma área intermediária de experiência que permite ao bebê transitar entre o mundo subjetivo e a realidade externa, favorecendo a diferenciação entre Eu e não-Eu sem a perda da espontaneidade e da criatividade (Dias, 2017).

Conclui-se que, na perspectiva de Winnicott, ser suficientemente bom não significa alcançar a perfeição, mas oferecer condições para que a criança possa existir, integrar-se, experimentar a frustração e desenvolver progressivamente sua autonomia. Quando o ambiente acompanha esse processo, a criança pode avançar da dependência em direção à independência; quando falha de maneira significativa, pode comprometer a constituição do *self* e favorecer organizações defensivas.

Referências

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. 4. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2017.

KLAUTAU, P.; SALEM, P. Dependência e construção da confiança: a clínica psicanalítica nos limites da interpretação. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 33-54, 2009.

LOPARIC, Z. Esboço do paradigma winnicottiano. **Cadernos de história e filosofia da ciência**, v. 11, n. 2, pp. 7–58, 2001.

LOPARIC, Z. **De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática.** *Winnicott e-prints*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-29, 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2006000100004. Acesso em: 23 ago. 2026.

NASIO, J.-D. *et al*. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan et al**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

WINNICOTT, D. W. **Objetos transicionais e fenômenos transicionais**. In: WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-44.

WINNICOTT, D. W. Preocupação materna primária. *In*: WINNICOTT, D. W. **Textos selecionados**: da pediatria à psicanálise. Tradução de Jane Russo. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. p. 491-498.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação***:* estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Agradecimentos

Expressamos nossa imensa gratidão ao Prof. Dr. Lauro Take Tomo Veloso, por sua orientação teórico-metodológica, disponibilidade, incentivo e acompanhamento ao longo de todo o processo. Sua dedicação, seu apoio, e seus preciosos ensinamentos foram fundamentais para a realização deste artigo.